

Panorama da juventude negra no Brasil

Juliana de Souza*

Para início de conversa

Tem que acreditar, desde cedo a mãe da gente fala assim: “Filho por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor”

Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se você está pelo menos cem vezes atrasado... pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo o que aconteceu? Duas vezes melhor como?” Ou melhora, ou você é o melhor ou o pior de uma vez. Sempre foi assim. Se você vai escolher o que estiver mais perto de você ou que... estiver mais perto de sua realidade, você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí?

A vida é um desafio – Racional Mc’s

Em 2004, estava em busca de enredos que me ajudassem a compor minha história, minha identidade, ouvi dizer de um grupo da igreja metodista que discutia sobre a questão da população negra. Naquele momento, o que eu levava em conta era o fato de serem da igreja, pois tudo o que estava fora desse ambiente e se referisse ao que me conduzia à descoberta de minha identidade, de minha negritude, me assustava, pois havia aprendido assim. Afinal, sempre ouvi dizer que éramos (minha família) negros diferentes, dos outros. Travava-se aí em meu imaginário, em meu corpo, o discurso legitimador do “nós” e dos “outros”.¹ O ser “nós” implicava no abandono do repertório cultural de base africana, pois, na fala de quem nos referendava como diferentes dos “outros” (negros mundanos), estes estavam não só marcados pelo atraso, mas também responsabilizados pelo mesmo. Ainda permaneciam presos aos referenciais históricos, cultural e simbólico que deveria ser abandonado para a obtenção do sucesso, e isso, “nós” havíamos

* Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Vinculada ao Ministério de Ações Afirmativas Afrodescendente – Igreja Metodista e Núcleo de Africanidades Cearense- UFC. E-mail: juli.soul@hotmail.com

¹ TODOROV, T. *Nós e os Outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

conseguido fazer.² Repetidamente, tais ensinamentos estavam presentes em meu cotidiano, na escola, na igreja e até em casa, a ideologia racista se apresentava a mim de forma perversa, porém sutil a ponto de acreditar que, no Brasil, não havia racismo. E quem se inferiorizava não se esforçava e tinha práticas racistas eram os próprios negros.

Estar em contato com as palavras-vivas que saíam da boca da Diná, pastora Eliad, pastora Rosângela, Neusa, pastor Edson, Lenir, fizeram-me perceber que minha história estava muito além das perspectivas mal vividas de minha identidade negra. Eles me ajudaram a perceber e a compor parte de quem eu era, o que era minha história, minha identidade e minha negritude. Nessa busca composta de muitas histórias, quero compartilhar uma delas para uma breve reflexão.

Em meados de 2006, já num processo, que ainda perdura, de amadurecimento e libertação dos métodos alienantes e opressores nos quais estava emersa, no preparo da aula que iria ministrar aos alunos do quarto e quinto ano do ensino fundamental de uma escola de ensino privado que trabalhei, buscava subsídios para embasar minhas “suspeitas” sobre a questão das desigualdades no Brasil. Era lúcido para mim que elas não se aplicavam apenas no campo social como o próprio material didático que eu tinha em mãos apontava, mas principalmente no campo racial.

Ao final de um culto no domingo, disse que gostaria de falar por alguns instantes com os homens da igreja na faixa etária de 12 a 55 anos. Naquele momento, lancei uma única pergunta para os presentes que somavam o número de mais ou menos 15 participantes. Quantos de vocês já foram abordados em uma blitz policial? No grupo, havia mais ou menos sete homens negros que compunham a faixa etária de doze a quarenta e cinco anos de idade e oito homens brancos de quinze a cinquenta e cinco anos de idade.

Quando a pergunta foi lançada, todos do grupo negro levantaram as mãos, inclusive os meninos de 12 a 15 anos de idade. Já do grupo dos homens brancos, apenas três na faixa etária de 20 a 25 anos de idade, sendo que dois deles disseram que, quando foram abordados, estavam acompanhados de amigos negros. Quando perguntei quantos dos homens ali presentes haviam sido abordados após os 40 anos de idade, novamente apenas os homens negros sinalizaram afirmativamente.

É bom lembrar que não estamos falando de uma população que seja diferente em sua composição social, todos moradores de uma periferia urbana, a cidade de Carapicuíba, compondo a massa de trabalhadores. Isso nos ajuda a compreender que o processo de luta de classes presentes no materialismo histórico-

² SOUZA, J. *História e Memória da População Negra de Carapicuíba- SP: Uma Abordagem para a Educação Escolar*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

dialético não é suficiente para explicar a complexidade do racismo no Brasil e no mundo que se sustenta sem que haja dominação político-econômica.³ Tantos outros exemplos estão aí cotidianamente e nos afirmam que a população negra (pretos e pardos) é considerada suspeita, “meliantes”, enquadrando-se no perfil, no imaginário construído sobre pensa-se ser o marginal no Brasil. Isso não é coisa de hoje, vejamos a seguir um trecho de um relatório apresentado pelo chefe da polícia ao presidente da Província de São Paulo em 1879:

São considerados vagabundos pelo artigo 300 do regimento nº 120 de 31 de janeiro de 1842 os indivíduos que não tem domicílio certo nem profissão ou ofício, nem renda ou meio conhecido de subsistência. Não tem domicílio certo os que não mostrarem ter fixado em alguma parte do Império a sua habitação ordinária e permanente, ou não estiverem assalariados ou agregados à alguma pessoa ou família. Relatos de sanitaristas, agentes de saúde, chefes de polícia e políticos da época traçam uma imagem de horror em relação aos lugares e estilo de vida dos pretos.⁴

Pensar o panorama da juventude negra no Brasil é não perder a linha do tempo, mas um tempo majoritariamente descrito por uma elite que arquitetou ideologias que procuravam afirmar a inferioridade nata da população negra. Isso desarranjou nossas histórias e estabeleceu um imaginário enlameado na crueldade do racismo.

Na linha do tempo

Tirando laça com o futuro, somos pipas voando nos ventos de ontem, com as linhas cortantes do presente.

Allan da Rosa.

Na maioria das pesquisas acadêmicas ou nos meios de comunicação de massa, a juventude é descrita como categoria propícia para representar os dilemas da contemporaneidade. No caso específico de juventude negra, resta-nos a triste referência de ser quase sinônimo de violência urbana, desemprego, evasão escolar, analfabetismo, criminalidade e outros agravantes, sem uma discussão aprofundada sobre as questões sócio-históricas que, no caso da população negra, isso não está relacionado com os males da vida moderna, mas, elenca-se numa categoria sistêmica, a formação meticulosa de uma ideologia sobre a população negra. Serão viabilizadas leis para conter a marginalidade, a “ciência” será utilizada para

³ CUNHA JUNIOR, H. Racismo anti-negro um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileira. *Política Democrática: Revista de Política e Cultura*. Brasília Fundação Astrogildo Pereira, ano VII, n. 21, p. 118-127, jul. 2008; MUNANGA, K. Racismo: Perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. In: HASENBALG, Carlos; MUNANGA, Kabengele; SCHWARCZ, Lília Moritz. (Orgs.). *Estudos & Pesquisas*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004.; SOUZA, 2010.

⁴ RACIONAIS MC'S. *1000 Trutas 1000 Tretas*. 2007. 1 DVD

qualificar fenotipicamente indivíduos mais propícios à prática de crimes, logo, a população negra jovem é enquadrada nessa perspectiva “científica”.

As “ciências” de modo geral, direito, medicina em suas várias ramificações, as ciências sociais entre outras, foram utilizadas para a manutenção do lugar subalternizado relegado à população negra. Até mesmo a definição do trabalho para a elite brasileira, a de que negro livre não servia para o trabalho “formal”, se caracterizou em nossa sociedade no período compreendido por pós-abolição. O que tínhamos antes desse período era uma ocupação vasta e maciça da população negra nos mais diversos ofícios, na música, na metalurgia, na medicina, na engenharia. Os negros eram os sapateiros, os ourives, os dentistas, os cirurgiões, os barbeiros, entre outros, além do trabalho doméstico.⁵ Tal afirmação só é entendida a partir do momento em que conseguirmos visualizar o Brasil Colônia e o Império para além da casa grande e da senzala, muito bem inculcada em nosso imaginário com a literatura sociológica do início do século XX.

Raquel Rolink, em seu trabalho denominado Territórios Negros das Cidades Brasileiras, nos mostra que existe uma territorialidade negra específica nas cidades que têm história e tradição. Certamente, esse foi o motivo que preocupou profundamente as elites que, em determinado momento, idealizava forjar uma identidade nacional, sendo assim, tais espaços e territórios foram profundamente marginalizados e estigmatizados.⁶

As discussões que permeavam o período que antecede a República eram pautadas em torno das questões raciais. Tanto intelectuais do século XIX quanto os do vintouro discursam sobre a inferioridade da população africana escravizada e de seus descendentes⁷, tratados como fundadores do atraso social, político, econômico e cultural do Brasil, como se isso não estivesse relacionado com as incompetências administrativas coloniais, imperiais e republicanas. O período pós-abolição excluiu a população escravizada da competição formal de trabalho.

Para Andrews e Hanchard, a escravidão é somente uma das diversas variáveis explicativas a serem consideradas para determinar por que, em 1889, ou seja, apenas um ano depois da Abolição – os trabalhadores afro-brasileiros foram afastados da competição “objetiva” de mercado

⁵ PAIVA, E. F. *Escravos e libertos nas minas gerais do século XVIII: estratégias de resistências através dos testamentos*. São Paulo: Annablume, 1995; LIMA, C. A. M. *Artífices do Rio de Janeiro (1790-1808)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

⁶ ROLINK, R. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras. (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro). *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1989, Disponível em: <http://www.usp.br/.../rr/.../territorios_negros_nas_cidades_brasileiras.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2011.

⁷ Ao referir-me à população negra, elucidado que tal fator não é um impeditivo reconhecer que as populações indígenas também passaram pelo processo de apagamento de seus referências históricos, sociais e culturais na sociedade brasileira que tinha ou tem como ideal civilizatório cosmovisões a partir da europeidade.

em São Paulo. Na avaliação desses autores, na imigração de europeus meridionais e no tratamento diferencial concedido aos novos imigrantes, em detrimento dos afro-brasileiros, encontram-se um grau de dirigismo e intervenção estatal incomuns.⁸

Tais implicações sugerem o que nos é descrito na literatura republicana que constrói a imagem social da população negra como perigosa, criminosa, “capoeiras”. O próprio Estado fomentou tal perspectiva adotando leis eugênicas na implementação de políticas públicas e leis constitucionais. A exemplo disso, temos o processo de imigração europeia. Nesse caso, lembremos que os imigrantes europeus tiveram leis que os amparavam, houve um cuidado de reservar verbas públicas para a formação das colônias e outros benefícios como a integração das famílias e a concessão de terras. Percebemos que a vontade política está intimamente ligada aos benefícios cedidos; como foi possível resguardar direitos aos imigrantes europeus e nada se fez para a inserção social dos escravizados recém-libertos?⁹

Projetos de modernização e europeização dos centros urbanos, a substituição da mão de obra africana e afrodescendente por europeia e eurodescendente colocam para escanteio a população negra. Serão criadas leis para enquadrar o negro na marginalidade e instituições públicas como hospitais psiquiátricos, centros de reclusão de menores são criados para conter a “propagação do mal”. Técnicas de esterilização de mulheres e de homens negros e indígenas serão utilizadas na tentativa de diminuir essas populações e formar uma população brasileira, ou seja, uma identidade nacional desafricanizada. Dessa forma, as inúmeras formas de resistência da população negra foram marginalizadas, demonizadas e deturpadas no imaginário social, a capoeira, as diversas formas do samba, jongos, batuques, as religiosidades de base africana, são exemplos desse processo.

Na década de 1890, em São Paulo, a população negra diminuiu drástica e misteriosamente, fato que alegrou a polícia e a política da época. Hoje ainda temos uma acentuada discrepância na morte da juventude negra no Brasil, dados apresentados recentemente em pesquisa de âmbito nacional divulgada no ano de 2011 revelam o que, em 1910, jornais publicados pelo que hoje denominamos *Imprensa Negra* já denunciavam os nossos jovens. O nosso povo está sendo dizimado, o número de jovens negros vítimas de homicídio no Brasil no ano de

⁸ ANDREWS, HANCHARD apud SILVÉRIO, V. R. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, n.117, nov. 2002. p. 12. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15560.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2006.

⁹ SOUZA, 2010.

2008 foi de 32.349 e de jovens brancos foi de 14.665.¹⁰ O que fazer diante da terrível realidade, que medidas devemos e podemos tomar?

Resistências, Corpo e Imaginário

A juventude negra hoje resiste com blacks, dreads e tranças, articulando encontros; na luta para continuar na escola; resiste bravamente depois de um dia de trabalho enfrentando *busão*, trem pra estudar no EJA, técnico, médio ou superior; resiste quando para além da pesquisa a bolsa CNPq serve para sustentar a família; resiste na musicalidade; na versatilidade; na literatura; na dança; na estética; na poética... A juventude negra resiste reinventando sua história!

Juliana de Souza

As formas de resistências dessa juventude foram inúmeras, porém, não há interesse para que tais práticas sejam amplamente divulgadas. A nossa história é um território de resistência. A capoeira, os terreiros, as irmandades, os quilombos, as rodas de samba, o carnaval, imprensa negra, os clubes negros, os times de futebol, bailes negros, o teatro negro, a literatura, o *hip hop*, dentre outros, são territórios de resistência, porém, muitas vezes afirmados como lugares da marginalidade. Então, podemos ter que as produções materiais e simbólicas de um grupo específico da população brasileira são desconsideradas e pior associadas a territórios perigosos, em que o “homem de bem” não deve chegar perto. Nesse conjunto de ideias, perpassa a ideologia racista que atinge “em cheio” a identidade da população negra, o corpo como território da identidade negra.

Foram e são múltiplas as formas de resistência das populações africanas escravizadas e seus descendentes não só no Brasil, mas em todos os espaços que houve escravização de africanos e africanas e seus descendentes. Hoje os espaços de resistências continuam e reinventam outros territórios que historicamente não “pertenciam” a população negra – a universidade, a academia, por exemplo. Para enfrentar esses espaços e não se perder, é importante que o nosso imaginário de criança negra, juventudes negras, mulheres negras e homens negros esteja fortalecido em todo o corpo, tendo a mente como parte do corpo.¹¹

O Movimento Social Negro se inicia com os processos de resistências coletivas ou individuais ainda nos navios negreiros. Pode ser escandaloso, mas o suicídio e o aborto fizeram parte desses processos de resistência em terra ou mar, isso não se pode negligenciar.

¹⁰ WAISELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2011. Os Jovens do Brasil*. Brasília: Ministério da Justiça; São Paulo: Instituto Sangari, 2011. p. 55.

¹¹ ROSA, A. S. *Entre o Imaginário e a Caneta*. 2009. Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009a.

As inúmeras revoltas e insurreições negras ocorridas no Brasil Colônia, Império e República são simplesmente apagadas de nossa historiografia: Paiaia (1673), Revolta dos Hauças (1807), Encouraçados do Perdão (1823), Queto-Xambá (1823), Nagô-Oió (1830), Revolta Jeje-Mina-Fon (1834), Revolta dos Malês (1835), Revolta Banta (1910) dentre outras também silenciadas como a Revolta da Chibata. Elas fazem parte do que denominei no parágrafo anterior como um conjunto de idwias que silenciam nossas histórias de negras e negros, e julgo serem altamente prejudiciais aos nossos processos identitários de juventude negra. Resta-nos as historiografias “oficiais” que alimentam nossos imaginários cotidianamente com a imagem da indolência, da subserviência, da preguiça, da sujeira. E, infelizmente, tais fontes ainda minam suas podridões.

Na escola, quando se fala da história das populações africanas, fica a impressão de que os navios negreiros vindos do velho mundo aportavam “de boa” na costa litorânea africana e saíam carregados de “mercadoria”, sem qualquer discussão sobre as resistências e lutas dos grandes Reinos situados em grande parte do território africano. É na escola, principalmente, que temos contato com as narrativas dos povos que os engrandecem ou os desqualificam. E apenas lançar a crianças, adolescentes, jovens e adultos que os próprios africanos escravizavam seus irmãos sem qualquer reflexão sobre tais acontecimentos, é muito sério e causa muitos danos. Precisamos estar atentos a quais interesses essa “educação” está servindo. A educação como teoria e prática não tem sido o território onde as crianças, os jovens e os adultos “possam libertar-se da desvalia com que percebem a si mesmos”.¹²

As ausências de representações positivas de nossos referenciais imagéticos são pautas de lutas dos movimentos negros (MSN), pois “o uso social da servidão dos povos africanos criou no Brasil uma estética da exterioridade útil do corpo negro”. Na década de 1920, século passado, houve uma ampla discussão dentro do movimento social para o fortalecimento da imagem da população negra passando por referenciais estéticos sim, mas pensando nesses referenciais como possibilidade de ser ele mesmo, e não outro. Tal discussão se encarregará de retomar as questões da geografia corporal da população negra, tornando-se esse um (território) muito importante nas articulações das juventudes negras. Dessa forma, podemos inferir que

A matriz afrobrasileira tem no seu imaginário formas muito valorosas de pensar as diferentes relações na sociedade moderna. Não se trata de idealizar e achar que a matriz afrobrasileira apresenta um mundo perfeito. Mas como ela ficou à margem e dentro, gingando entre o oficial e o marginal, ela apresenta ainda alternativas que devem ser entendidas.

¹² FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

E esse entendimento não vai brotar do prisma oficial de sempre, que só oferece estereótipos.¹³

Sugiro continuar nossa caminhada olhando para o que a educação, a história, enfim, as interpretações sociais, tidas como formais, pouco focaram nos últimos cinco séculos, reinterpretando o sentir da minha alma ancestral, afro-latino-americana, apresentada ao mundo como inexistente. Degustando o açúcar amargo que no passado-engenho e no canavial-presente decepa a vida e tocando a pele não mais com chibata, mas como se pele de tambor que ressoa “a possibilidade como categoria histórica que redimensiona a esperança e as formas de intervenções e invenções sociais”.¹⁴ Incorporar, corporificar a matriz afrobrasileira em nossos jovens e negros corpos é fortalecer nosso imaginário e tê-lo conceitualmente como categoria de resistência, pois, segundo Glissant, o imaginário permite a construção simbólica e dá sentido às definições do que somos e de nossa identidade coletiva e individual.¹⁵

Somos corpos que resistem! E se apresentam como territórios de memórias, histórias e narrativas que ressignificam o imaginário que circunda a população negra. Somos corpos que resistem! E se apresentam africanamente no tempo e no espaço e, desde sempre, somos vozes que ressoam a necessidade de libertação das armadilhas, esquecimentos e negações que nos impossibilitam reafirmar nossa presença ativa na história e na realidade universal dos seres humanos.

Referências

CUNHA JUNIOR, H. Racismo anti-negro um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileira. *Política Democrática: Revista de Política e Cultura*. Brasília Fundação Astrogildo Pereira, ano VII, n. 21, p. 118-127, jul. 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

GLISSANT, E. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

LIMA, C. A. M. *Artífices do Rio de Janeiro (1790-1808)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

¹³ ROSA, A. S. *O mundo da EJA tem um quintal entre o falado e o escrito*. Entrevista realizada pelo Observatório da Educação. 14 maio 2009b. Disponível em: <<http://www.edicoestoro.net/entrevistas/educacao-de-jovens-e-adultos-eja/120-o-mundo-da-eja-tem-um-quintal-entre-o-falado-e-o-escrito.html>>. Acesso em: 22 out. 2010. p. 1.

¹⁴ MAFRA, J. Utopia e Projeto Possível. In: TORRES, Carlos Alberto. et. al. (Org.). *Reinventando Paulo Freire no Século 21*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. p. 11.

¹⁵ GLISSANT, E. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

MAFRA, J. Utopia e Projeto Possível. In: TORRES, Carlos Alberto. et. al. (Org.). *Reinventando Paulo Freire no Século 21*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. p. 6-14.

MUNANGA, K. Racismo: Perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. In: HASENBALG, Carlos; MUNANGA, Kabengele; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Orgs.). *Estudos & Pesquisas*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004.

PAIVA, E. F. *Escravos e libertos nas minas gerais do século XVIII: estratégias de resistências através dos testamentos*. São Paulo: Annablume, 1995.

RACIONAIS MC'S. *1000 Trutas 1000 Tretas*. 2007. 1 DVD

ROLINK, R. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras. (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro). *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1989, Disponível em:
<http://www.usp.br/.../rr/.../territorios_negros_nas_cidades_brasileiras.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2011.

ROSA, A. S. *Entre o Imaginário e a Caneta*. 2009. Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009a.

_____. *O mundo da EJA tem um quintal entre o falado e o escrito*. Entrevista realizada pelo Observatório da Educação. 14 maio 2009b. Disponível em:
<<http://www.edicoestoro.net/entrevistas/educacao-de-jovens-e-adultos-eja/120-o-mundo-da-eja-tem-um-quintal-entre-o-falado-e-o-escrito.html>>. Acesso em: 22 out. 2010.

SILVÉRIO, V. R. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, n.117, Nov. 2002: Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15560.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2006.

SOUZA, J. *História e Memória da População Negra de Carapicuíba- SP: Uma Abordagem para a Educação Escolar*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

TODOROV, T. *Nós e os Outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2011. Os Jovens do Brasil*. Brasília: Ministério da Justiça; São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

Panorama da juventude negra no Brasil

Resumo

Pensar a juventude negra é estar de frente com uma categoria social que está diretamente ligada a minha vida e sofre o racismo dentro e fora da escola, associada diariamente à violência sendo a principal vítima de extermínio no país. Em contraposição a esses pensamentos, estão as africanidades, que nos apresentam formas valorosas no passado e no presente de resistir. Pensar um panorama sobre a juventude negra brasileira é estar conectado ao tempo histórico e historiográfico que invalidou e invisibilizou nossas histórias e referenciais de população negra em detrimento de uma cosmovisão eurocêntrica. Esse ensaio busca focalizar aos processos de resistências vivenciados cotidianamente por essa juventude, e traçar uma linha histórica conceitual do que é ser jovem negro/a no território brasileiro.

Palavras-chave:

Juventude Negra. Resistências. População Negra.

Overview of black youth in Brazil

Abstract

Thinking black youth is to be face to face with a social category which is directly connected to my own life and which suffers racism inside and outside school, directly associated with daily violence and the main victims of extermination in the country. In contrast with these thoughts are the ideas of Africaness which show us valuable ways, in the past and present, of resistance. Thinking an overview of the Brazilian black youth is to be connected with the historical and historiographical concepts of time which invalidated and erased our stories and referentials as black population for the sake of a Eurocentric worldview. This essay seeks to focus on the processes of resistance experienced in everyday life by this youth, and draw a conceptual story line of being a young black man/woman in the Brazilian territory.

Keywords:

Black Youth. Resistance. Black Population.